

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

QUAL A MELHOR MÚSICA PARA SE ENSINAR? REFLEXÕES SOBRE ARTE E GOSTO MUSICAL A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES NO PIBID

Gilson Claudio Rocha¹
Egon Eduardo Sebben²

Resumo: O presente trabalho, traz algumas reflexões que se originaram e se ampliaram ao longo das observações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Levando em conta as colocações das Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná, acerca do ensino dos três tipos de arte existentes na sociedade, a arte erudita, a arte popular e a indústria cultural, procurou-se refletir sobre maneiras de integrar esses conhecimentos para proporcionar aos alunos das escolas observadas, um melhor desenvolvimento de seu senso crítico, de sua capacidade criadora e de sua consciência em relação à música em geral.

Palavras-chave: PIBID. Observações. Gosto musical.

O PIBID e as observações

O subprojeto de Música do PIBID da Universidade Estadual de Ponta Grossa vem sendo desenvolvido desde agosto de 2012. Dentre as atividades propostas, uma delas são as observações, onde o bolsista tem a possibilidade de acompanhar o processo pedagógico entre professores e alunos da rede pública de ensino. As observações ocorrem não somente em sala de aula, mas também em outros ambientes escolares como a biblioteca, o pátio etc.

De acordo com Sebben e Stori (2013, p. 1152), o acadêmico participante do PIBID realiza trabalhos na escola, que se constituem

de diversas ações, tais como atividades de levantamento das características do espaço e dos sujeitos; observação do trabalho do professor supervisor; preparação de planejamentos e material didático; ação efetiva em sala de aula através da docência em música; e reflexão crítica sobre o trabalho realizado.

Além desses aspectos, os bolsistas “têm a oportunidade de observar o cotidiano da sala de aula, que envolve o comportamento dos alunos, as ações do professor e a inserção dos conteúdos musicais na disciplina de Arte” (SEBBEN; STORI, 2013, p. 1152).

A observação tem uma importante função de possibilitar ao professor, uma melhor compreensão da instabilidade da realidade da sala de aula (MORATO; GONÇALVES, 2006). A partir da diversidade de situações que ocorrem em sala de aula, “a reflexão também torna-se necessária para que, dialogando com a sua própria atuação, se possa construir soluções possíveis para os problemas que se apresentam no seu dia-a-dia” (MORATO; GONÇALVES, 2006, p. 117).

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa. Acadêmico do curso de Licenciatura em Música.

² Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenador do subprojeto de Música do PIBID UEPG.

Considerando as observações como um dos eixos de trabalho do PIBID Música, foi possível constatar o gosto musical dos alunos. Isso pôde ser presenciado em sala de aula durante a realização de trabalhos relacionados à música, ou no intervalo, quando os alunos ouvem ou conversam sobre música com os colegas. A partir dessas observações, foi possível perceber que grande parte das músicas que representam o gosto musical dos alunos está vinculada à mídia. No entanto, a relação que os alunos têm com a música vai além de uma simples passividade acrítica. De acordo com Sebben (2009, p. 136): “Os alunos mostram-se como consumidores ativos da música, em um contexto no qual fazem escolhas e a assumem como elemento de afirmação perante a sociedade”. Entende-se a partir do exposto que tais aspectos podem ser apropriados na prática pedagógico musical escolar, ampliando as possibilidades do ensino de música.

Arte erudita, arte popular e indústria cultural: articulações com a prática pedagógica

As Diretrizes Curriculares para o ensino de Arte do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008) frisam a importância dos alunos conhecerem as três principais formas artísticas existentes na sociedade: a arte erudita, a arte popular e a indústria cultural. A primeira, denominada arte erudita ou elitista, é ensinada, difundida e consagrada nos cursos de graduação como a grande arte, tais cursos formam tanto artistas quanto professores de Arte, profissionais que, dessa maneira, passam igualmente a difundi-la. Sua principal forma de divulgação e distribuição são museus, teatros, galerias, salões de arte, etc. Essa forma de arte tem um campo de ação restrito, pois está disponível quase que exclusivamente para uma pequena parcela da população que possui grande poder aquisitivo (PARANÁ, 2008, p. 59).

2174

Canclini (1980, p. 49) acrescenta que a arte erudita ou elitista dá privilégio ao momento da criação. Essa arte é fetichizada e a única função do expectador é “elevator-se” e se colocar numa atitude de contemplação, enquanto que sua distribuição é apenas um acessório posterior, envolvendo concertos com orquestras, cantores líricos, recitais, entre muitos outros.

Esse tipo de arte acaba se fazendo distante das camadas mais populares da sociedade, pela falta de condição econômica e de conhecimento a respeito. Constrói-se um bloqueio, forma-se um pensamento, de que arte é somente o que está sendo mostrado atualmente através do rádio ou da TV, como os hits com refrãos repetitivos acompanhados ou não de alguma coreografia. Alguns acreditam ainda, que arte é apenas aquela representada pelas produções elitistas, não considerando muitas vezes, músicas de seu próprio gosto como tal.

Por meio das observações do PIBID, foi possível perceber um bom trabalho por parte das professoras supervisoras, no sentido de proporcionar um conhecimento musical além do que o aluno já conhece. E com as observações novas ideias surgem, uma vez que o momento da observação também é um momento de reflexão.

Ao abordar a música erudita, por exemplo, é possível imaginar que a mesma pode ser relacionada ao que o aluno já vivencia em seu dia-a-dia. Trazer um pouco da história dos compositores e da época em que viviam, ajuda a entender o contexto das obras. É preciso dar exemplos, explicar, traduzir o que cada obra representa.

Difícilmente o aluno sairá da sala de aula apaixonado por música erudita, mas o conhecimento de sua história, dos compositores e do contexto de cada época, melhorará sua crítica em relação à mesma. É possível que uma aula assim o faça refletir mais a respeito, levando-o a pesquisar sobre uma música que ouviu em algum momento, mas que antes não sabia que era música erudita.

A segunda forma artística, chamada de arte popular, é produzida e vivenciada pela classe trabalhadora, por grupos sociais (menos favorecidos) e étnicos, e compõe o espaço de sociabilidade que constitui a identidade dessa classe e desses grupos. Nesse campo inclui-se a cultura popular, que é uma das fontes de uma cultura nacional com valores tradicionais de um povo, através de suas artes, crenças e costumes em geral, e é produzida pelos mesmos que a consomem (COELHO, 2006, p. 20-21).

2175

O PIBID também proporciona um espaço de criação aos alunos, através das aulas ministradas por meio do projeto. Nesse espaço é possível propor atividades que envolvam o criar, onde cada um pode mostrar um pouco de sua própria arte, um pouco do que eles são capazes de produzir, relacionando algo que eles já conhecem ao que estão aprendendo de novo na escola.

A terceira forma artística presente na sociedade é denominada indústria cultural ou cultura de massa. Essa é responsável pela produção e difusão em larga escala de formas artísticas, pela grande mídia. A indústria cultural coloca à disposição do grande público, a circulação de produtos mais genéricos, introduzindo uma cultura de massa com algumas características, uma delas é o fato de seus produtos não serem produzidos por quem os consomem (COELHO, 2006, p. 9).

É através da indústria cultural que a arte é transformada em mercadoria para o consumo de um grande número de pessoas, sendo de pouca importância a qualidade dos produtos. Sua finalidade é atingir um número cada vez maior de público e seu objetivo

principal é a obtenção do lucro das vendas dessa mercadoria. Essa indústria se alimenta da produção artística tanto da arte popular (cultura popular), como da arte erudita, descaracteriza-as por meio de equipamentos e tecnologias sofisticadas e as direciona para uma produção em série e consumo em grande escala (PARANÁ, 2008, p. 59).

Com a arte para as massas, surge uma música que deve ser livre de complexidades, para ser facilmente compreendida, e para alcançar maior amplitude de público. A arte para as massas é produzida pela classe dominante ou por algum especialista a seu serviço. O que interessa mais é a abrangência do público e a eficácia na transmissão da mensagem do que a qualidade ou a originalidade da produção, ou a satisfação das reais necessidades dos consumidores. Seu valor supremo é a sujeição feliz (CANCLINI, 1980, p. 49).

Nas escolas em que foram observadas as aulas, percebeu-se o gosto por estilos como funk, sertanejo universitário, entre outros disseminados pela mídia e meios de comunicação massiva. Mas é preciso trazer o conhecimento histórico da música aos alunos, fazendo com que conheçam um pouco de cada estilo e de cada época musical, também da música das diversas regiões do Brasil e do mundo. Segundo Souza (2000, p. 176): “a tarefa básica da música na educação é fazer contato, promover experiências com possibilidades de expressão musical e introduzir os conteúdos e as diversas funções da música na sociedade sob condições atuais e históricas”.

Como foi abordado no início deste trabalho, é arte para as massas que se faz mais presente na vida dos alunos. É possível usá-la de alguma forma, para criar uma aproximação entre aluno e professor, para posteriormente trazer ao conhecimento desse aluno, os outros tipos de manifestações musicais existentes. É possível colocar algo novo que pode ser a música erudita, associando às músicas que eles já conhecem (indústria cultural) e propor um momento de criação, que seria uma espécie de arte popular, algo novo vindo dos próprios alunos, uma mescla do que eles já conhecem com o que estão aprendendo na escola.

Considerações finais

O momento de observação do PIBID é também um momento de reflexão, e pautando-se nas colocações das DCE-Arte do Paraná no que tange às abordagens que devem ser praticadas pelo professor em sala de aula, o presente trabalho procurou trazer reflexões sobre gosto musical e um melhor aproveitamento do mesmo com os alunos, em sala de aula.

Muitas vezes o aluno diz que não gosta de determinada música, mas na realidade não a conhece. É preciso em primeiro lugar expor a música ao aluno, trazê-la ao seu

conhecimento, fazendo-o imaginar e relacionar contextos. A música de cada época ou a música de outros lugares tem algo de especial, algo de interessante, algo de novo, e não é possível compreender a música de hoje sem conhecer a música de outrora ou de outros povos.

Muitas vezes os alunos acham a música erudita chata, preferem ouvir algo bem mais simples à complexidade de certas obras. Obviamente que as pessoas têm total direito de considerar um estilo de música bom, outro ruim, mas é preciso que haja uma crítica consistente, com prévio conhecimento e maior aprofundamento no assunto.

Acredita-se que ao trabalhar com a arte erudita, a arte popular e a indústria cultural, que segundo as DCE-Arte do Paraná já devem fazer parte do currículo de Arte, é possível proporcionar, além do conhecimento, um bom desenvolvimento da capacidade crítica e criadora dos alunos.

Referências

CANCLINI, N. G. **A Socialização da Arte: Teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1980.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo, Brasiliense, 2006.

2177

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

MORATO, C. T.; GONÇALVES, L. N. Observar a Prática Pedagógico-Musical é mais do que ver! IN: MATEIRO, T.; SOUZA, J. (Orgs.). **Práticas de Ensinar Música**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SEBBEN, E. **Concepções e práticas de música na escola na visão de alunos de 8ª série: as contradições entre o legal e o real**. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa-PR. 2009.

SEBBEN, E. E; STORI, R. Formação de professores de música: a experiência de um projeto de iniciação à docência. In: 21º CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, Pirenópolis-GO. **Anais...** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 1149-1159.

SOUZA, J. (Org.) **Música, cotidiano e educação**. Programa de Pós-Graduação em Música – Mestrado e Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.